

DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v2n1p169-189>

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO BÁSICO: A ARTE COMO FERRAMENTA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

ENVIRONMENTAL EDUCATION IN BASIC EDUCATION: ART AS A TOOL OF AWARENESS FOR ENVIRONMENTAL PRESERVATION

Margareth de Moraes Martins da Silvaⁱ
Alan Custodio da Silvaⁱⁱ
Ovídio Mota Peixotoⁱⁱⁱ
José Teixeira de Seixas Filho^{iv}
Sílvia Conceição Reis Pereira Mello^v

Resumo: A Educação Ambiental (EA) é uma estratégia fundamental para sensibilizar e promover uma mudança de comportamento em relação a responsabilidade e o comprometimento com a preservação ambiental, gerando expectativas de uma maior conscientização acerca dos problemas ambientais, o que pode melhorar muito a relação do homem com a natureza e com o meio ao qual esta inserido. Nesse estudo desenvolvido na Escola Municipal Odilon de Andrade no Complexo do Alemão, estudantes do 7º e 8º anos participaram das oficinas realizadas duas vezes na semana, uma para cada turma, entre os meses de agosto e novembro de 2015. A estratégia pedagógica diversificada abrangeu: dinâmica de grupo; leitura e interpretação de textos sobre meio ambiente e preservação

ⁱ Graduada em pedagogia com habilitação em administração e supervisão escolar do ensino fundamental e médio (1986). Especialização em Docência do ensino Superior (2006) e Mestrado em desenvolvimento local (2016) ambas pelo Centro Universitário Augusto Motta. Professora do Centro Universitário Augusto Motta.

ⁱⁱ Graduado em Biologia - Bacharelado na UNISUAM em dezembro de 2017, Técnico de Segurança do Trabalho no SENAC RIO em 2013 e Gestão de Resíduos Sólidos pela IFRJ em 2013. Atualmente, Técnico de Laboratório de Microbiologia na indústria farmacêutica SS White Artigos Dentários, atuando no setor de Controle de qualidade. Pesquisa em desenvolvimento Local atuando como Iniciação Científica no programa de Mestrado da UNISUAM.

ⁱⁱⁱ Doutor em Comunicação e Cultura (2006) pela UFRJ; Mestre em Comunicação e Cultura (2000) pela UFRJ e Graduado em Comunicação Social (1986), também pela UFRJ. Pós-Doutor em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea-PACC/UFRJ. Foi professor do Mestrado em Desenvolvimento Local da UNISUAM. Coordenou Cursos de Comunicação de 2002 a 2015.

^{iv} Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Fundação Técnico Educacional Souza Marques (1981), mestrado em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa (1990), doutorado em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa (1998) e Pós-doutorado em Bioquímica/Enzimologia pelo Instituto de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária - BIOAGRO - da Universidade Federal de Viçosa (2008). Atualmente é pesquisador da Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro, Professor Titular do Centro Universitário Augusto Motta.

^v Doutora (2009) e Mestre (2000) em Higiene veterinária e processamento tecnológico de produtos de origem animal pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua na área de ensino e pesquisa sendo pesquisadora da Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro e professora e orientadora do curso de Mestrado em Desenvolvimento Local e do curso de graduação em Ciências Biológicas da UNISUAM.

ambiental; discussões sobre a história da urbanização da cidade do Rio de Janeiro; apresentação de fotos de paisagens da cidade antes e depois dos impactos ambientais; aulas de desenho; aulas de pintura; escolha e estudo das paisagens pelos estudantes; elaboração de textos sobre as pinturas realizadas. Os resultados evidenciaram que as oficinas tiveram grande aceitação por parte dos estudantes. Os quadros pintados foram expostos na Unisuam e também na Escola Municipal Odilon de Andrade e foi ainda elaborado um vídeo pela Unisuam que será utilizado na divulgação do projeto.

Palavras-chave: Meio ambiente. Educação. Preservação ambiental. Educação artística.

Abstract: The Environmental Education (EE) is a key strategy to raise awareness and promote a change in behavior with regard to responsibility and commitment to environmental preservation generating expectations of a greater awareness of environmental problems, which can greatly improve the relationship of man with nature and the environment to which is inserted. In this study, developed at the Municipal School Odilon de Andrade in the "Complexo do Alemão" the art was associated with environmental education. Students of the 7th and 8th school years participated in the workshops held twice a week, one for each class, between August and November 2015. The study adopted a diverse pedagogical strategy covering: group dynamics, reading and interpreting texts on environment and environmental preservation; discussions about the history of urbanization of the city of Rio de Janeiro; landscape photos show the city before and after the environmental impacts; drawing classes; painting classes; choice and study of landscapes by students; preparation of texts on the paintings made. The results showed that the workshops were well accepted by the students. The pictures painted by the students were exposed in Unisuam and also at the Municipal School Odilon de Andrade and was even prepared a video by Unisuam that will be used in the dissemination of project.

Key-words: Environment. Education. Environmental conservation. Artistic education.

1 INTRODUÇÃO

A educação escolar deve assumir, por meio do ensino e da aprendizagem do conhecimento acumulado pela humanidade, a responsabilidade de dar ao educando o instrumental para que este exerça uma cidadania mais consciente, crítica e participante. Tem-se buscado elaborar, discutir e explicitar uma prática e teoria da educação escolar mais realista, mais crítica socialmente (Libâneo, 1985) sem deixar de considerar as contribuições das outras perspectivas pedagógicas. Essa pedagogia escolar procura propiciar a todos os estudantes o acesso e contato com os conhecimentos culturais básicos e necessários para uma prática social viva e transformadora.

Na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente no subúrbio, onde a população foca a atenção para a falta de serviços básicos, torna-se fundamental valorizar e manter a discussão a respeito da preservação do meio ambiente. No ambiente da Zona da Leopoldina, destacando-se os bairros de Olaria e adjacências, Bonsucesso, Ramos, Penha, Ilha do governador, esta questão torna-se iminente. O lixo, a água, o rio, a vegetação são tratados com descaso, levando os estudantes a analisar os impactos da ação do homem no meio ambiente (local, nacional ou global) e desenvolver atividades que possam amenizar os problemas ambientais locais.

Diante da necessidade de uma intervenção na realidade educacional brasileira frente aos elevados índices de reprovação, baixa autoestima, violência, inversão de valores, degradação do meio ambiente, se faz necessária uma mudança na metodologia de ensino criando novos hábitos que possam repercutir na sociedade. Surgiu assim a ideia de trabalhar a preservação a partir da arte, por ser, uma disciplina que desenvolve a sensibilidade e o poder de observação, produzindo a interpretação e releitura do ambiente natural, motivando dessa forma, a conscientização quanto à preservação do meio ambiente por parte dos estudantes e da comunidade, pois nesse estudo, os estudantes utilizaram os espaços públicos como suporte para desenvolver sua arte.

A proposta desse estudo foi promover a educação ambiental utilizando-se metodologia inovadora, voltada para o desenvolvimento da consciência estética, capacidade crítica e a integração de sentimentos (imaginação e razão) com base na metodologia proposta por Barbosa (2003) denominada metodologia através da abordagem triangular que envolve apreciação artística, contextualização e o fazer artístico visando sensibilizar os estudantes do ensino fundamental, quanto à importância da preservação do meio ambiente.

Durante a execução do projeto a educação ambiental foi associada a arte, por meio da realização de oficinas de desenho e pintura, de paisagens da cidade do Rio de Janeiro, comparando o período anterior à urbanização desordenada com a realidade atual. Nesses encontros os estudantes conheceram a história dos locais retratados nas pinturas e refletiram sobre a situação dos impactos ambientais.

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A evolução dos conceitos de Educação Ambiental (EA) esteve diretamente relacionada a evolução do conceito de meio ambiente e ao modo como este era percebido. De acordo com Philippi Junior e Pelicioni, (2005) a educação ambiental deve focar a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar; a educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida e atender as necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe social. Percebe-se que a educação ambiental quando aplicada de forma correta atinge todas as dimensões do mundo; alcança todos os âmbitos sociais.

O educador e ambientalista Lima (1984) afirmou que o mérito das Conferências de Estocolmo e de Tbilisi consistiu em ter vinculado, ainda que de maneira tímida, a problemática ambiental ao tipo de desenvolvimento, entretanto, havia a necessidade de um novo tipo de desenvolvimento e, mesmo assim, exigia-se um desenvolvimento alternativo. Para esse autor (1984), diante de tal perspectiva, não é possível definir as atividades da Educação Ambiental sem levar

em conta as realidades econômicas, sociais e ecológicas de cada sociedade e os objetivos que tenha escolhido para o seu desenvolvimento. O autor concluiu que a interação homem - ambiente ao longo dos tempos mostrou que o fator econômico tem um papel decisivo na intervenção da natureza.

Conforme ressaltado por Leff (2001), o ambiente precisa ser compreendido como uma rede complexa de fenômenos naturais, sociais, ecológicos e culturais, mediante uma metodologia capaz de desenvolver um saber que problematize o conhecimento fragmentado em disciplinas, a fim de construir um campo de conhecimentos teóricos e práticos para rearticulação das relações sociedade - natureza. Portanto, o papel da Educação Ambiental é fundamental para a efetiva mudança de atitudes, comportamentos e procedimentos.

A Educação Ambiental tem assumido nos últimos anos o grande desafio de garantir a construção de uma sociedade sustentável, em que se promovam na relação com o planeta e seus recursos, valores éticos como cooperação, solidariedade, generosidade, tolerância, dignidade e respeito à diversidade (CARVALHO, 2006).

Na visão de Dias (2004), a Educação Ambiental na escola não deve ser conservacionista, ou seja, aquela cujos ensinamentos conduzem ao uso racional dos recursos *Naturais* e à manutenção de um nível ótimo de produtividade dos ecossistemas *Naturais* ou gerenciados pelo Homem, mas aquela educação voltada para o meio ambiente que implica uma profunda mudança de valores, em uma nova visão de mundo, o que ultrapassa bastante o estado conservacionista.

A Educação Ambiental é conteúdo e aprendizado, é motivo e motivação, é parâmetro e norma. Vai além dos conteúdos pedagógicos, interage com o ser humano de forma que a troca seja uma retroalimentação positiva para ambos. Educadores ambientais são pessoas apaixonadas pelo que fazem. E, para que o respeito seja o primeiro sentimento motivador das ações, é preciso que a escola mude suas regras para se fazer educação ambiental de uma forma mais humana (CARVALHO, 2006).

Na visão de Chalita (2001), a educação constitui-se na mais poderosa de todas as ferramentas de intervenção no mundo para a construção de novos

conceitos e conseqüente mudança de hábitos. É também o instrumento de construção do conhecimento e a forma com que todo o desenvolvimento intelectual conquistado é passado de uma geração a outra, permitindo o avanço de cada geração em relação à anterior, no campo do conhecimento. Quando o autor se refere à educação, não está se referindo à educação vigente, isto é, não se refere à educação “que exclui, que dá prêmio aos melhores alunos e aponta os piores para que sirvam de modelo, que homogeneiza o ensino”, mas, sim, a uma “educação holística”, uma educação que estimule o senso crítico, que estimule métodos e traga à tona discussões, que desperte os interesses dos alunos” (CHALITA, 2001, p. 34).

A Lei Federal nº 9.795 (BRASIL, 1999) regulamentada pelo Decreto nº 4.281 instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental e determinou sua inserção nas escolas de todos os níveis. Essa Lei, no artigo segundo, definiu Educação Ambiental como processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos e habilidades, atitudes e competências voltadas para conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à qualidade de vida sadia e sua sustentabilidade. Ainda enfatiza questões da interdisciplinaridade, metodológicas e epistemológicas. A Educação Ambiental é componente essencial e permanente da Educação Nacional, devendo estar presente, de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. Reforça ainda a responsabilidade coletiva da sua implementação, seus princípios básicos, objetivos e estratégias.

Quanto à cultura, associada preferencial da educação, sobretudo quando se considera a arte, tem com a natureza uma conturbada, mas inegável relação de interdependência. Se no passado, para alguns antropólogos, era possível definir como natural aquilo que não houvesse sofrido intervenção humana, na atualidade Marques (2015, p. 400) ressalta:

“No Antropoceno, a natureza deixou de ser uma variável independente do homem e se tornou, em última instância, uma relação social. Mas o inverso é não menos verdadeiro: as relações entre os homens em sua mais ampla acepção – da esfera econômica à simbólica – perdem sua autonomia e tornam-se gradualmente funções de variáveis ambientais” (MARQUES, 2015, p.400).

Desde a Grécia antiga, segundo o autor supracitado, há duas atitudes antinômicas principais adotadas pelo homem em relação à natureza: a da fusão e a da conquista. Esta segunda irá aos poucos reduzir a natureza a “objeto” do sujeito, até estranhá-la completamente na Idade Moderna ao convertê-la em quantidade. No passado, a natureza significava ao mesmo tempo o não humano, o que está à volta do humano e o que é a origem do humano. No Antropoceno, a natureza torna-se efeito do humano. “Assim, a guerra do homem contra a natureza é uma guerra contra si próprio” (MARQUES, 2015, p. 402-403).

3 INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Na educação, a arte possui uma extensa jornada, mas foi amparada em lei somente na década de 70 através da Lei federal 5.692, de 11 de agosto de 1971, que tornou obrigatória a disciplina de Educação Artística nos estabelecimentos de 1º e 2º graus. Segundo o entendimento dessa lei, a arte era considerada apenas uma atividade educativa, não efetivamente uma disciplina. Em 20 de dezembro de 1996, essa lei foi revogada pela Lei federal 9.394 que, em seu artigo 26, parágrafo 2º, menciona o ensino da arte como componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica (IAVELBERG, 2003).

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – Lei federal LDB nº 9.394/96 no Artigo 26, inciso 2º, estabelece a obrigatoriedade do Ensino de Arte na Educação Básica, que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, legitimando a Arte enquanto Área Curricular.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, a criança de alguma forma expressa o que sente ou o que vê através do desenho, da música, da dança ou do teatro. A arte tem como objetivo ajudar a criança a se desenvolver livremente, a estimular a criatividade e a expressão. A arte desenvolve o pensamento artístico, deixando o particular dar sentido às experiências do exterior, onde a criança aumenta a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. A criança sem o

conhecimento das artes tem uma aprendizagem limitada, escapando o faz-de-conta, as cores do seu mundo, os gestos e as luzes (BRASIL, 1997).

É através da arte que a criança irá realizar sua leitura de mundo, entender o contexto em que vive e relacionar-se com ele, sendo de suma importância que sua imaginação flua naturalmente. Muitas vezes o adulto, na angústia de ensinar, causa bloqueios, os quais prejudicam a evolução natural da criatividade. A arte-educação é um alicerce para desenvolver a criatividade. A criança, como um ser em profunda aprendizagem, tem mais facilidade para o senso de observação e, em diversas ocasiões, chama atenção de pormenores não observados pelos adultos, portanto usando sua liberdade de expressão e de indagação, conclui com ajuda dos adultos suas aprendizagens e desenvolve sua expressão ao ver o mundo (SANS, 2001).

Barbosa (2003) defendeu a abordagem triangular no ensino de artes, essa teoria ressalta que o ensino da arte deve focar três pilares: o apreciar, o fazer e o contextualizar. Nesta perspectiva, Barbosa (1998) apontou os compromissos da arte-educação com a cultura e a história, explicou a abordagem triangular, na qual se dá ênfase à apreciação artística, à contextualização e ao fazer artístico, considerando ainda que “só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem de arte” (SANTOS, 2006, p. 17).

O homem nasce com especificidades culturais, psicológicas e sociais, o que permite fazer ligações com a natureza e com o mundo. Sendo a arte parte integrante desse movimento, possibilita a representação e interpretação do mundo, onde são desenvolvidas habilidades de seleção, classificação e identificação, indispensáveis para a organização humana (BUORO, 2001).

Segundo Eça (2010) a arte e educação através da arte são campos ambíguos que se interpenetram. Artistas contemporâneos e ou educadores e professores estão trabalhando em projetos sociais sem autoria, em bairros desfavorecidos, com pessoas especiais providenciando experiências de conhecimento de si e do mundo através da arte. Esses artistas escapam as definições do mercado da arte elitista. Do mesmo modo, existem professores de arte que escapam as rotinas mediadoras das escolas e ajudam os seus alunos, possibilitando experiências transversais de aprendizagem com a arte pela arte, sem

a pretensão de formar artistas ou público, onde os indivíduos sejam mais criativos, mais críticos e mais solidários, onde pequenas populações possam cultivar as suas diferenças culturais e compreender, valorizar e praticar antigas produções artísticas, criar empregos, gerar turismo cultural e estabilidade social. Ao refletir-se sobre os benefícios em longo prazo destas práticas educativas nas comunidades, entende-se como o papel da educação através da arte é importante.

A arte na escola implica, então, possibilitar novas práticas artes-educativas, em que os sujeitos se reconheçam enquanto seres humanos produtores e herdeiros de tudo o que a humanidade produziu e produz, percebendo-se como sujeitos histórico-culturais, além de oportunizar “uma forma de conhecer e representar uma realidade, criando significados” (SANTOS, 2006, p. 12), inclusive compreendendo-a. Portanto, cabe à escola propiciar experiências ligadas à fruição estética e também ao fazer artístico, tendo como uma das finalidades a consciência estética que envolve não só a capacidade crítica, como também integra sentimentos, imaginação e razão, tornando claros os conteúdos de arte e levando em consideração o seu meio.

Para Ruy (2004), qualquer iniciativa de conscientização ambiental busca atingir a comunidade para qual se encontra voltada em sua totalidade, e o melhor meio para isso é trazer a Educação Ambiental para a escola. Entretanto, isso não é tarefa fácil. Existem muitas dificuldades nas atividades de sensibilização e formação, na implantação de projetos e principalmente na continuidade dos projetos já existentes. Desta forma, alternativas que promovam uma contínua reflexão sobre o tema são iniciativas válidas para que se implante nas escolas, a verdadeira Educação Ambiental, com atividades e projetos, que visem construir um futuro no qual seja possível viver em um ambiente saudável, em harmonia com o planeta e com os outros seres vivos.

Segundo o Ministério da Educação, os temas transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos

diversos, tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões (BRASIL, 1998).

As experiências vivenciadas pela criança no seu cotidiano, além dos muros escolares, principalmente as lúdicas, são praticamente desprezadas pela instituição escolar. O motivo desta exclusão reside na justificativa de que os jogos e as brincadeiras da cultura lúdica não apresentam seriedade propedêutica nem valores pedagógicos importantes para o desenvolvimento educativo da criança (SOUZA, 2001).

Buscando evidenciar valores e atitudes - não só conhecimento - e procurando articular diversas experiências educativas que propiciem uma visão integrada do meio ambiente, a educação ambiental transforma o padrão tradicional de "aquisição de informação" em práticas pedagógicas significativas, pois segundo Leff (2001, p. 88), "A educação ambiental não implica somente em novas orientações da educação, mas sim em novas práticas pedagógicas, que articulam novas relações de produtos de conhecimento com os processos de circulação, transmissão e disseminação do saber ambiental".

Dentro desse contexto, Reigota (2002) apontou que as pesquisas envolvendo representações sociais do meio ambiente tendem a adotar métodos qualitativos visando análises interpretativas (como a percepção ambiental) e de intervenção (como a educação ambiental). Qualquer que seja a forma de expressão empregada na vida cotidiana pelos sujeitos, esta pode e deve ser usada como uma fonte possível para a identificação de representações sociais, como é o caso dos desenhos. O desenho vem sendo adotado como estratégia metodológica para a percepção da representação de emoções e concepções relacionadas ao meio ambiente tanto de crianças como de pré-adolescentes.

Antonio e Guimarães (2005) argumentaram que o desenho infantil é mais que uma simples imagem para a criança, pois nele materializa-se seu inconsciente, registrando, na folha de papel, elementos de sua vida cotidiana; uma representação

simbólica, abrangendo uma relação de identidade com o que simboliza, apresentando uma teia de significações do seu pensamento tanto objetivo como subjetivo.

A arte mobiliza continuamente nossas práticas culturais e estas mobilizam valores, ampliando a capacidade de perceber o nosso meio. Assim, ao dar forma a alguma coisa, o homem também se transforma, pois está interagindo constantemente com o ambiente. Contribuindo para este raciocínio, Freire (1998) ressaltou que nas condições da verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. A arte pode ser uma aliada no enriquecimento da educação ambiental, cuja necessidade de novas alternativas apropriadas torna-se evidente.

Considerando toda essa importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, sobressaem-se as escolas, como espaços privilegiados na implementação de atividades que propiciem essa reflexão, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar (DIAS, 1992). Ressalta-se que as gerações que forem assim formadas crescerão dentro de um novo modelo de educação. Entretanto, não raramente a escola atua como mantenedora e reprodutora de uma cultura que é predatória ao ambiente, ou se limita a ser somente uma repassadora de informações. Nesse caso, as reflexões que dão início à implementação da Educação Ambiental devem contemplar aspectos que não apenas possam gerar alternativas para a superação desse quadro, mas que o invertam, de modo a produzir consequências benéficas (ANDRADE, 2000).

Diante da necessidade de uma intervenção na realidade educacional brasileira frente aos elevados índices de reprovação, baixa autoestima, violência, inversão de valores, degradação do meio ambiente, se faz necessária uma mudança na metodologia de ensino criando novos hábitos que possam repercutir na sociedade. Surgiu assim a ideia de trabalhar a preservação a partir da arte, por ser, uma disciplina que desenvolve a sensibilidade e o poder de observação, produzindo

a interpretação e releitura do ambiente natural, motivando dessa forma, a conscientização quanto à preservação do meio ambiente por parte dos estudantes e da comunidade, pois nesse estudo, os estudantes utilizaram os espaços públicos como suporte para desenvolver sua arte.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Odilon de Andrade, situada na Rua Itapé, s/nº, Olaria, Zona Norte do Rio de Janeiro, que possui aproximadamente 16 funcionários e 790 alunos, no 2º Ciclo básico do Ensino Fundamental, divididos em 19 turmas nos períodos da manhã e tarde e 34 professores. O estudo foi desenvolvido entre abril de 2014 e novembro de 2015.

O projeto foi encaminhado e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa do centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), CAAE: 34349514.4.0000.5235 e obteve auxílio financeiro da Fundação Carlos Chagas de Amparo à pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

As atividades voltadas à educação ambiental, por meio da arte, envolveram vinte oficinas de desenho e pintura de paisagens da cidade do Rio de Janeiro associada a educação ambiental, com a participação de 33 estudantes de duas turmas de 7º ano e 8º ano da Escola, com autorização dos pais que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Durante as aulas foram apresentados e discutidos textos ilustrados contando a história daqueles locais e as questões que contribuíram para a alteração do ambiente, após as discussões as aulas de desenho e pintura eram iniciadas.

No decorrer das oficinas os estudantes aprenderam técnicas de pintura, ponto de fuga e perspectivas. As pinturas a óleo retrataram paisagens da cidade do Rio de Janeiro, antes e depois das intervenções no ambiente. De forma conjunta, leituras e discussões utilizando-se textos que abordassem questões ambientais e históricas da cidade foram apresentadas e os estudantes escolheram as paisagens que queriam retratar. Os quadros pintados pelos estudantes foram tema de exposição no Corredor Cultural da UNISUAM, durante a XII Semana de Pesquisa e

extensão e da festa de 40 anos da Escola Municipal de Odilon de Andrade, respectivamente em outubro e novembro de 2015. Na etapa final do projeto, uma reportagem com a participação dos pesquisadores, gestores da Escola e estudantes que participaram da pesquisa foi produzida. A reportagem foi elaborada pelo Centro de TV da Unisuam e exibida no Canal Universitário, em setembro de 2016 e encontra-se disponível no Canal Unisuam, programa Quadro a Quadro: <https://www.youtube.com/watch?v=Av2l638fDyg>

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudantes que participaram do projeto se encontravam na faixa etária de 12 a 15 anos sendo que 73% eram do sexo feminino e 27% do sexo masculino. Durante o período de desenvolvimento desse estudo, as oficinas foram realizadas de forma a possibilitar que os estudantes fizessem uma avaliação crítica do ambiente onde vivem, pois, segundo o proposto por Reigota (2008) o compromisso da educação ambiental é com uma construção de valores e comportamentos, que propicie ao educando, vislumbrar a verdadeira interação entre o ser humano e a natureza.

De acordo com Sans (2001) por meio da arte, a criança realiza sua leitura de mundo, entende o contexto em que vive e relaciona-se com ele, sendo de suma importância que sua imaginação flua naturalmente. Dessa forma, a educação ambiental, utilizando-se a arte como ferramenta de aprendizado, contribui de forma significativa para desenvolver a criatividade e relacionar as questões ambientais e sua problemática ao cotidiano desses estudantes. Essa criatividade foi plenamente apresentada e traduzida nos desenhos, quadros e textos produzidos pelos estudantes.

Durante as oficinas de pintura, os estudantes empenharam-se na tarefa de elaborar suas próprias obras, segundo sua consciência e cultura artística. As atividades envolveram teoria e prática na pintura. Foram apresentados aos alunos instrumentos como tintas, pincéis, telas, cavaletes e solventes, assim como orientação sobre cores, nuances, pinceladas (para retratar o movimento da tela),

figura e fundo. Os estudantes pintaram considerando a perspectiva aérea, as nuvens, o sol e os pássaros, sem esquecer que quando se pinta o céu perto das gravuras, ou seja, lá no fundo deverá ser em azul cerúleo (clarinho) e da metade do céu para cima azul celeste, buscando fundir com pincel seco o azul claro com azul forte não deixando aparecer divisão.

Destacam-se a seguir, as percepções dos alunos em relação aos quadros por eles pintados:

“O meu quadro mostra a Baía de Guanabara poluída, da para ver apartamentos, o pão de açúcar, a vegetação. Tem muito lixo na Baía da Guanabara, ainda tenho a esperança de ver a nossa Baía limpa. Uma pena que o homem tenha acabado com esse Ambiente” (Estudante 1- sétimo ano).

"Meu quadro é uma homenagem à igreja da Penha (figura 1)". A igreja é rodeada de árvores e ela fica em cima de uma rocha. Essa vegetação o homem vem destruindo, e eu não gosto nada disso. A plantação é uma coisa que deve ser cultivada e guardada (Estudante 2 - sétimo ano).

“O meu quadro é localizado no Bairro do Flamengo com vista para o Pão de Açúcar, eu observo bastante mata, que é o principal, tudo que precisamos” (figura2- Estudante 3- sétimo ano).

Figura 1 – Quadro de estudante do 7º ano da Escola Municipal Odilon de Andrade



Fonte: Foto de Margareth de Moraes Martins da Silva

Figura 2- Quadro de estudante do 7º ano da Escola Municipal Odilon de Andrade

Fonte: Foto de Margareth de Moraes Martins da Silva

“Minha Imagem é o Pão de Açúcar, lá do alto tem como ver a Baía de Guanabara que vem sendo poluída causando um grande impacto Ambiental sobre a água e todo o relevo da Cidade mais bela” (Estudante 4 do oitavo ano).

“Meu quadro é uma paisagem localizada na Zona sul do Rio de Janeiro. É uma praia, não está aquela beleza limpinha, mas está chegando lá, o governo criou uma lei que se jogar lixo na rua ganha multa. Devemos conservar a nossa cidade para mantermos o título de Cidade Maravilhosa” (Estudante 5 – oitavo ano).

“Meu quadro fala um pouco sobre o Pão de açúcar, mostra antes da degradação, pois aprendi que a degradação não faz bem para o nosso meio ambiente, o fundo do quadro é a Baía de Guanabara, que antes era limpa e agora se encontra poluída” (Estudante 6 – oitavo ano).

“Meu quadro mostra uma praia do Rio de Janeiro, antes da degradação ambiental. Hoje a praia está totalmente poluída. Eu gostaria muito que a poluição acabasse. Devemos parar de jogar lixo nas ruas para a mesma acabar” (Estudante 7 – sétimo ano).

“Meu quadro é o Pão de Açúcar antes da degradação ambiental, ele tem vista para a Baía de Guanabara, antes das pessoas destruírem a Baía a paisagem

era linda! Ainda tenho a esperança de ver a Baía de Guanabara limpa” (Estudante 8-sétimo ano).

“Meu quadro é uma paisagem localizada no bairro da penha. Fica perto de uma grande área de vegetação e uma igreja em cima da rocha. Com o grande avanço das residências, ocorreu um grande impacto sobre a região” (Estudante 9-sétimo ano).

“Minha paisagem é da Pedra da Onça na Ilha do Governador, com vista para a Baía de Guanabara onde serão as olimpíadas de 2016. Hoje se encontra muito poluída, eu quero mudar esse quadro” (Estudante 10– oitavo ano).

Meu quadro é uma imagem do Jardim Guanabara na Ilha do Governador, a praia sem poluição. Eu observei a água limpa, onde antigamente suas praias eram como esta no quadro, as águas eram limpas e a areia sem lixo. “Esta praia hoje está poluída e imprópria para banho, devido a forte poluição presente no entorno do bairro” (Estudante 11– sétimo ano).

“Minha paisagem é o costão do Pão de açúcar. Minha imagem mostra a degradação da Baía de Guanabara, o Homem vem poluindo a cada dia. É necessário o tratamento da água para que a mesma se torne limpa. Nós o Futuro do país queremos a água limpa e sem lixo” (Estudante 12 – oitavo ano).

“Meu quadro é a Igreja da Penha, em volta dela tem muito verde (vegetação) e casas, e quando chegamos lá em cima temos uma visão muito linda! Da pra ver o Complexo do Alemão inteiro” (figura 3- Estudante 13 do sétimo ano).

“Meu quadro é uma paisagem localizada no bairro da penha. Fica perto de uma grande área de vegetação e uma igreja em cima da rocha. Com o grande avanço das residências, ocorreu um grande impacto sobre a região”. (figura 4 - Estudante 14 do sétimo ano)

Figura 3 - Quadro de estudante do 7º ano da Escola Municipal Odilon de Andrade



Fonte: Foto de Margareth de Moraes Martins da Silva

Figura 4 - Quadro de estudante do 7º ano da Escola Municipal Odilon de Andrade

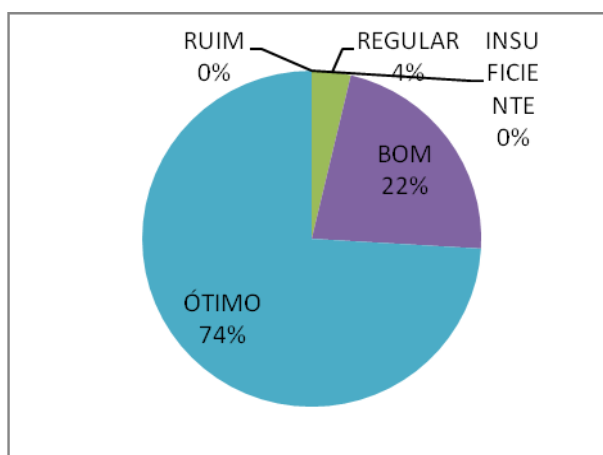


Fonte: Foto de Margareth de Moraes Martins da Silva

As oficinas tiveram grande aceitação por parte dos estudantes, na sua maioria, consideraram que o conteúdo teórico abordado durante as oficinas, tanto os fatos históricos quanto as questões ambientais como ótimo (78%) e bom (22%), nenhuma das outras opções (regular, ruim e insuficiente) foram assinaladas.

Quando questionados se as aulas de desenho e pintura a óleo atenderam as suas expectativas, a maioria os estudantes demonstrou grande satisfação em ter participado das oficinas, conforme se observa na figura 5.

Figura 5 – Percentual de estudantes da Escola Municipal Odilon de Andrade que participaram da pesquisa e que avaliaram de ótimo a insuficiente o atendimento de suas expectativas nas aulas de desenho e pintura a óleo



Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando o resultado final obtido, em relação a pintura ou desenho que produziu, os estudantes demonstraram também grande satisfação sendo que 85% consideraram o resultado final ótimo e 15% bom. Nenhum deles assinalou as demais opções (regular, ruim e insuficiente).

O projeto pedagógico priorizou a aprendizagem sobre a importância da preservação ambiental, por meio de atividades prazerosas e significativas e não implicou unicamente num repasse de conhecimentos, mas numa prática de ensino/aprendizagem interativa, congregando esforços do professor, aluno e comunidade escolar, destaca-se que o envolvimento dos alunos foi intenso e gratificante.

6 CONCLUSÃO

A metodologia proposta pode ser adotada pela escola nas aulas de educação ambiental e artística e em disciplinas afins, priorizando sempre a questão da preservação ambiental e o adensamento populacional nas grandes metrópoles sendo que a metodologia poderá sofrer adaptações de acordo com os recursos disponíveis.

O projeto priorizou a aprendizagem sobre a importância da preservação ambiental, e ainda possibilitou o ensino da pintura.

As exposições dos quadros foram uma forma de disseminar preocupações quanto à preservação ambiental para um público diversificado, incluindo os familiares dos alunos que participaram da pesquisa, difundindo o tema para a comunidade onde esses jovens residem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução a Metodologia de Trabalho Científico**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2000. 174 p.

ANTONIO, D. G.; GUIMARÃES, S. T. L. Representações do meio ambiente através do desenho infantil: refletindo sobre os procedimentos interpretativos. **Educação Ambiental em Ação**, Novo Hamburgo, ano 4, n. 14, set./nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistaeea.org/artigo.php?idartigo=343>>. Acesso em: 23 maio 2018.

BARBOSA, A. M. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1998.

BARBOSA, A. M. **Arte-Educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonald, 2003, 230 p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996, Seção 1, p. 27833-27841.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

_____. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 10 set. 2014

BUORO, A. B. **O Olhar em Construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301997000100011>. Acesso em: 13 Jun. 2016.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2006.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: Princípios e Práticas. 3 ed. São Paulo: Gaia, 1992, 112 p.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 9.ed. São Paulo: Gaia, 2004. 541p.

EÇA, T. T. P. **Educação Através da arte para um future sustentável**. Caderno Cedes, Campinas, v. 30, n. 80, p. 13-25, jan./abr. 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 146p.

IABELBERG, R. **Para Gostar de Aprender Artes**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis, RJ: Vozes/PNUMA, 2001. 343p.

LIMA, M. J. A. **Ecologia humana**: realidade e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1984.

MARQUES, L. **Capitalismo e Colapso Ambiental**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

PHILIPPI JUNIOR, A. P.; PELICIONI, M. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri-SP. Manolie, 2005.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2002, 88 p.

REIGOTA, M. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, p. 61-69, 2008. Edição Especial.
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspea09.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

RUY, R. A. V. A Educação Ambiental na escola. **Revista Eletrônica de Ciências**, São Paulo, n. 26, mai. 2004. Disponível em:
<http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_26/eduambiental.html> Acesso em: 21 out. 2015.

SANS, P.T. C. **Pedagogia do Desenho Infantil**. São Paulo: Átomo, 2001. 114p.

SANTOS, S. M. P. dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 91p.

SOUZA, E. R. **Do corpo produtivo ao corpo dominado: o jogo e suas inserções no desenvolvimento da criança**. 2001. 181 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.